

FACULDADE UNINA

INTERFACE ENTRE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E TECNOLOGIA

LUIS GABRIEL VENANCIO SOUSA

CURITIBA/PR

2023

FACULDADE UNINA

INTERFACE ENTRE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E TECNOLOGIA

Projeto de pesquisa apresentado ao Núcleo de Pesquisa da Faculdade Unina, com intuito de seleção de estudante para integrar a Iniciação Científica.

Docente: Me. Luis Gabriel Venancio Sousa

CURITIBA/PR

2023

RESUMO

As tecnologias têm transformado o cenário educacional ao longo do tempo, desde as analógicas quanto as digitais. Desse modo, as formas de ensinar e aprender também têm se modificado. Este projeto de pesquisa tem como intuito construir inteligibilidade a respeito da interface entre tecnologias e educação, principalmente no cenário da educação a distância. Para tanto, adota como metodologia pesquisas qualitativas-documentais, ancoradas na concepção da linguagem dialógica de Bakhtin e o Círculo.

Palavras-chave: Interface. Tecnologia. Educação.

SUMÁRIO

1	INTUITO DO PROJETO DE PESQUISA	6
1.1	As tecnologias e nosso convívio com elas	7
1.2	Definição de linguagem	9
1.3	Objetivos da pesquisa	13
1.4	Metodologia	13
2	CAPACIDADE DE ARTICULAÇÃO LÓGICA E CORRESPONDENTES AOS ITENS DO PROJETO	13
3	CRONOGRAMA	14
	REFERÊNCIAS	15

1. INTUITO DO PROJETO DE PESQUISA

Diante das novas formas de ser e estar no mundo contemporâneo, saber distinguir o que são tecnologias e como nos tornamos dependentes delas, bem como compreender como nossa evolução enquanto ser humano atingiu o patamar que está por causa de evoluções tecnológicas, são pontos cruciais para pensarmos a educação contemporânea e os métodos de ensino-aprendizagem atuais.

Muito discute-se a respeito da presença de tecnologias digitais no ensino, alguns defendem que elas ajudam; outros, são contra. Há municípios que criaram leis proibindo o uso de celulares na escola, enquanto algumas escolas adotam tecnologias digitais e artefatos digitais como recursos educacionais obrigatórios no processo de ensino-aprendizagem.

Kenski relata que artefatos tecnológicos, como os celulares, por exemplo, tornaram-se, para algumas pessoas, uma extensão do próprio eu.

As mídias, como tecnologias de comunicação e de informação, invadem o cotidiano das pessoas e passam a fazer parte dele. Para seus frequentes usuários, não são mais vistas como tecnologias, mas como complementos, como companhias, como continuação de seu espaço de vida." (2003, p. 21)

Há quem discorde da autora, mas esse impasse proporciona a seguinte reflexão: conseguimos viver sem tecnologia?; se essas tecnologias fazem parte do espaço de vida das pessoas/estudantes, por que a escola muitas vezes resiste em adotá-las como recurso educacional?

Cupani reforça esse questionamento ao dizer que

a importância da tecnologia [...] implica que todos somos levados a pensar, de modo mais ou menos sistemático e duradouro, sobre a sua presença na nossa vida. Desde a banal questão acerca das vantagens de possuir um telefone celular, até a requintada meditação de quem se pergunta se não seria melhor um mundo sem tecnologia, passando pelas pesquisas sociológicas e históricas sobre as formas da sua existência e evolução (2016, p. 2)

Portanto, para responder a essas questões, é preciso, primeiro, conceituar o que é de fato tecnologia. Para isso, tomarei como base as definições de Cupani e Pinto.

(...) aquilo que denominamos tecnologia se apresenta, pois, como uma realidade polifacetada: não apenas em formas e conjuntos de objetos, mas também como sistemas, processos, como modos de proceder, como certa mentalidade. [...] A técnica e a tecnologia [...] representam manifestações da capacidade humana de fazer coisas [...] de conduzir a própria vida (em vez de viver de maneira puramente instintiva). Ao fazer, o homem origina os artefatos, vale dizer, os objetos ou processo artificiais. (CUPANI, 2016, p. 12-13 – grifo nosso)

[Tecnologia] é o conjunto de todas as técnicas de que dispõe uma determinada sociedade, em qualquer fase histórica do seu desenvolvimento. Em tal caso, aplica-se tanto às civilizações do passado quanto às condições vigentes modernamente em qualquer grupo social.” (PINTO, 2005, p. 120)

Já Kenski vai seguir a mesma linha de pensamento que os outros dois autores, definindo tecnologia como

[o] conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade nós chamamos de “tecnologia”. Para construir qualquer equipamento – seja uma caneta esferográfica ou um computador –, os homens precisam pesquisar, planejar e criar tecnologias. (2003, p. 15-16)

Portanto, por compactuar com as definições dos autores, adoto a concepção de que tecnologia é toda forma que o homem, por meio de planejamento, usando de sua capacidade linguística, tem para criar algo artificial.

Diante desse pressuposto, trago como **justifica e problema** para este projeto de pesquisa o seguinte questionamento: como pensar as normas formas de educação e os impactos históricos e contemporâneos que a tecnologia traz para o processo de ensino-aprendizagem?

1.1 As tecnologias e nosso convívio com elas

Muito se questiona atualmente a respeito das transformações que a tecnologia tem trazido para as formas de estar e viver das pessoas. A grande mídia retrata com frequência, desde as últimas décadas, como o surgimento de novas tecnologias tem impactado na criação de profissões, mas também na substituição do trabalho humano por máquinas. Alguns estudos retratam, por exemplo, doenças contemporâneas decorrentes do excesso de uso de tecnologias, como o do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, no livro *Sociedade do Cansaço*.

Diante desse cenário, portanto, a tecnologia é vista na sociedade como um grande paradoxo: há quem a defenda com afinco; enquanto outras pessoas a veem como algo plenamente negativo ao ser humano.

Invariavelmente, toda realização tecnológica vai acompanhada de alguma valoração, positiva ou negativa. Em certos casos, como no das armas de destruição em massa ou da poluição ambiental resultante da industrialização, consideramo-las como algo condenável, que desejaríamos não existisse. Em outros, como no das vacinas, do transporte confortável ou do cinema, a maioria das pessoas vê nessas realizações algo que veio beneficiar a espécie humana. (CUPANI, 2016, p. 12)

Rudiger (2013, p. 51-63) classifica esses grupos de sociedade que refletem a respeito do papel da tecnologia em seu cotidiano em dois grupos básicos: os prometeicos, aqueles veem a tecnologia como algo benéfico e que traz qualidade e melhoria de vida aos seres humanos; e os fáusticos, aqueles que acreditam que a tecnologia é uma armadilha montada pela humanidade para si mesma, ou seja, é algo criado e que poderá contribuir para a sua autodestruição.

Nesse contexto, e reforçando a ideia de Levy (1999, p. 22-24), de que a tecnologia não tem a possibilidade de ser neutra, é preciso pensar no impacto que ela traz à sociedade e à educação, ao passo que ela, uma vez criada, é um caminho sem volta, isto é, já faz parte da vida humana e também deve fazer parte do ambiente educacional.

Como integrantes do grupo fáusticos, há quem adote discursos amedrontadores divulgados pela mídia enfatizando que a mão de obra do homem e algumas profissões estão/serão substituídas pelas máquinas. A hipótese de o professor perder seu espaço para robôs é uma dessas abordagens.

Figura 1 – manchete de notícia

Robôs poderão substituir professores em breve

Pesquisador da Universidade de Buckingham defende que máquinas de inteligência artificial estarão prontas para dar aulas em 10 anos

Por [Pâmela Carbonari](#)

© 20 set 2017, 19h10

Fonte: <https://super.abril.com.br/tecnologia/robos-poderao-substituir-professores-em-breve/>.
Acesso em: 12 maio. 2023, às 10h28.

Diante de todo esse pessimismo, esquecem-se que só podemos viver mais tempo e com melhor qualidade de vida, se comparado há alguns séculos, devido aos avanços tecnológicos. Desde o surgimento da escrita, por exemplo, a forma de as pessoas viverem foi se modificando devido ao avanço tecnológico. Passou-se por períodos de popularização da escrita, da impressão em massa de livros, da mídia digital e, agora, como define Lemos (2015, p. 26), da cibercultura. São diferentes formas de leitura, de escrita, de comunicação e informação, ou seja, diferentes formas de se viver.

A tecnologia passou a fazer parte da vida do ser humano a ponto de este achar que algumas tecnologias são algo natural, contemplado na próxima seção, como a linguagem.

1.2 Definição de linguagem

Alguns artefatos tecnológicos são tão comuns no cotidiano do ser humano, que dificilmente paramos para analisar que eles não são algo natural e que, para surgirem, foram feitos estudos e análises específicas para a sua criação. As próteses, os medicamentos, os óculos, o papel, as letras, dentre tantos outros artefatos como esses já são tão comuns na vida do ser humano que às vezes não conseguimos pensar em viver sem eles, ou sequer na possibilidade de como era viver sem eles.

Nesse contexto, surgem as tecnologias que não são visíveis a olho nu, e que possivelmente também não são notadas pelos seres humanos ou “vistas” por ele como tecnologias, como a tecnologia da informação e da comunicação.

Outro grande exemplo de tecnologia que pode ser considerada como algo quase “natural” do ser humano e “invisível” é a linguagem. Assim, considero a linguagem como uma das principais tecnologias criadas pelo ser humano, uma vez que, por meio dela, o homem teve a possibilidade de evoluir, planejar e melhorar suas formas de relação e vivência.

[Bakhtin] concebe a linguagem como expressão, negando que seja apenas meio de comunicação, ele ultrapassa uma concepção meramente instrumental onde o sujeito se tornaria coisa, perdendo a capacidade de narrar, e compreende que é na linguagem e graças a ela que os laços de coletividade se constituem e os fios da história se entrelaçam, pois a linguagem presentifica a experiência antes vivida. (KRAMER, 2007, p. 184)

Lévy (1993, p. 76) reforça que é pela linguagem que o homem se difere do restante dos animais e da natureza, porque “dispõe desse extraordinário instrumento de memória e de propagação das representações”.

Já Kenski (2003, p. 28) vai reforçar que a “linguagem, com toda a sua complexidade, é uma criação artificial em que se encontra o projeto tecnológico de estruturação da fala significativa com o próprio projeto biológico de evolução humana”.

Por linguagem, compreende-se toda a relação que o homem tem com ele e com o seu meio, decorrente de sua formação sociocultural, sócio-histórica e ideológica. Adoto nesse trabalho a concepção de Bakhtin de uma visão de “linguagem” além da própria linguagem ou da estrutura da língua como era feita até os estudos dele, e causava, segundo o próprio autor define, “o desabrigo da linguagem”. (BAKHTIN, 2015 [1930], p. 20). O autor reforça que a linguagem vai além de questões de linguagem (propriamente dita) e estilística, é uma questão de formação sociointeracional, sociocultural.

Bakhtin defende, portanto, que a linguagem se dá pela interação/dialogismo de um eu com um outro, e é um fenômeno social, o que até então não era considerado pelos estudiosos formalistas. (2015 [1930], p. 18-25)

O diálogo, para o autor, é qualquer tipo de comunicação verbal e não apenas a literalidade da palavra como resolução de conflitos.

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas

como comunicação em voz alta de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN apud FARACO, 2007, p. 106)

Portanto, a fim de reforçar o embasamento teórico desse trabalho, e por tentar mostrar as transformações sociais que a tecnologia trazem às formas de se viver, em Bakhtin, “encontramos precisamente esse senso de globalidade, esse esforço em pensar a condição humana e não apenas retalhos esmaecidos da existência”. (FARACO, 2007, p. 100)

Sendo assim, “a visão de mundo bakhtiniana se estrutura a partir de uma concepção radicalmente social do homem [...] como um ser que se constitui na e pela interação, isto é, sempre em meio a complexa e intrincada rede de relações sociais de que participa permanentemente”. (FARACO, 2007, p. 101)

A linguagem é de cunho transformador, não é estável, isto é, sempre terá alterações de acordo com quem, para quem, onde e como fala. A palavra vai ser alterada de acordo com essa formação ideológica do falante e do seu interlocutor.

Essa transformação se dá de diferentes formas, em diferentes épocas. Se, como já dito, a linguagem foi a grande “ferramenta tecnológica” do homem, transformando a sua condição de vida, e se ela não é estável, de acordo com o pensamento de Bakhtin, a forma como a usamos ao longo do tempo também foi sendo alterada.

Souza (2007, p. 164) enfatiza que “antes da criação da escrita, a palavra e a linguagem tinham como função básica a gestão da memória”.

Numa sociedade oral, por exemplo, a manutenção da sua cultura está condicionada às lembranças de seu povo, por meio da interação e troca de histórias contadas entre elas. Uma vez essa lembrança silenciada, parte dessa memória está fadada ao esquecimento. (SOUZA, 2007, p. 164)

Nessas sociedades, a localização fisicamente próxima dos homens que utilizavam a mesma “fala” definia o espaço da tribo e da cultura. A oralidade primária requeria a presença e a proximidade entre seus interlocutores. Incorporada aos seus próprios sistemas físico-corporais, a linguagem falada limitava o homem ao espaço circunscrito do seu grupo, onde ele circulava e se comunicava”. (KENSKI, 2003, p. 28)

Assim, com o surgimento da escrita, essa responsabilidade da “manutenção da memória” teve alteração para sociedades que aderiram a essa mídia. Entretanto, é importante enfatizar que “a escrita não substitui a fala como principal recurso simbólico” (POE, 2011, p. 47).

A escrita proporcionou às pessoas autonomia em seu conhecimento.

Escrevendo, o homem consegue ordenar a sua história, que se torna cada vez mais linear e cronológica. A escrita, decididamente, inaugura novas possibilidades de experiência com o tempo e com o saber, que doravante, poderiam ser marcados, sistematizados, matematizados, enfim, racionalizados. (SOUZA, 2007, p. 165)

Assim, surgiram as unidades “espaço-tempo”, que na concepção de Bakhtin, segundo Machado (2007, p. 196), “é o princípio elementar de todas as manifestações de linguagem, tanto na vida quanto na arte.” Logo, com o surgimento da escrita, as construções dialógicas também sofreram mudanças. Não seria mais preciso estar no mesmo espaço-tempo para se obter um diálogo. Com a escrita, esse tipo de linguagem poderia ser realizado de outras formas, o tempo e o espaço podem estar a séculos de distância entre locutor e interlocutor.

Surgiu com a escrita a exigência de se compreender o que era representado graficamente. Com isso, o monopólio da técnica manuscrita, somente disponível para certas castas, barrou o aparecimento mais precoce da imprensa. Nem todo mundo tinha poder de ser alfabetizado ou ter acesso aos textos produzidos. Afinal, atividades como leitura e escrita não acrescentavam nada à vida dos homens comuns. (POE, 2011)

Ainda hoje luta-se para que todas as pessoas tenham acesso à alfabetização, mesmo depois de séculos e criação de leis para que isso aconteça. A escrita e a linguagem ainda são mecanismo de dominação e classificação de poder.

A complexidade dos códigos da escrita – o domínio das representações alfabéticas – cria uma verdadeira literacia, da qual são excluídos todos os “iletrados”, os analfabetos. A escrita reorienta as forças e os poderes, legitimando o conhecimento, e não a força física, como mecanismo de poder e de ascensão social. (KENSKI, 2003, p. 30)

Com a escrita, o homem deixou de se preocupar com a memória para se preocupar com inovações. Surgiu assim a prensa de Gutemberg, a imprensa, o

computador, a internet etc. Portanto, surgiram também novas linguagens, novas tecnologias e novas formas de se viver.

Kenski (2003, p. 31) afirma que com as novas tecnologias e diferentes linguagens, “somos permanentemente convidados a ver mais, a ouvir mais, a sentir mais [...], enfim, a viver muitas vidas em uma só vida e a compreender que ao contrário do que se afirma, não é mundo que é global, somos nós”.

Somos condicionados a novas linguagens constantemente, acarretando, inclusive em estudos de Letramento Digital.

1.3 Objetivos da pesquisa

A partir do delineado, teoricamente, até aqui, traço como **objetivo geral** de pesquisa: construir inteligibilidade sobre educação e tecnologia, principalmente discussões relacionadas à educação a distância.

Como objetivos específicos: i) compreender como as tecnologias digitais podem/são utilizadas como recursos para o processo de ensino-aprendizagem; ii) como os professores em formação ou já em campo de atuação se apropriam de tecnologias digitais como recursos didáticos; iii) como discursos de documentos oficiais preconizam o uso de tecnologias digitais para a educação.

1.4 Metodologia

Serão aceitas pesquisas de cunho qualitativo-documental, em que os dados da pesquisa serão gerados de acordo com os cenários de estudo.

2. CAPACIDADE DE ARTICULAÇÃO LÓGICA E CORRESPONDENTES AOS ITENS DO PROJETO

Serão aceitas pesquisas que dialogam com o cenário teórico aqui proposto e que tragam a concepção de linguagem ancorada nos estudos dialógicos de Bakhtin e o Círculo.

Ademais, pesquisas que envolvem comitê de ética ou precisem de recursos financeiros para geração dos dados não serão aceitas, devido às limitações de tempo e aporte financeiro para sua realização.

3. CRONOGRAMA

Atividade	Fev/23	Mar/23	Jun/23	Jul/23	Ago/23	Set/23	Out/23	Nov/23	Dez/23	Fev/24	Mar/24	Abril/24	Jun/24
Seleção de estudante	x												
Orientação teórico-metodológica	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Definição de projeto de pesquisa			x										
Definição de objetivos e metodologia da pesquisa			x	x									
Participação em evento científico							x						
Entrega de artigo científico													x
Elaboração de relatório parcial													x
Elaboração de relatório final													x

REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana. Curadoria de informação e conteúdo na web: uma abordagem cultural. In: SAAD, Elizabeth Nicolau. **Curadoria digital e o campo da comunicação**. São Paulo: ECA/USP, 2012. p. 40-50. Disponível em: <<http://grupo-ecausp.com/novo-ebook-curadoria-digital-e-o-campo-dacomunicacao/>>. Acesso em: 13 jul. 2019.

ANTUNES, Celso. **Professor bonzinho = aluno difícil**. A questão da indisciplina na sala de aula. 11 ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do Romance I – A estilística**. São Paulo: Editora 34, 2015.

_____. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRAIT, Beth. [org.]. **Bakhtin: conceitos-chaves**. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **O que é a BNCC?** Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>>. Acesso em: 26 jul. 2019.

_____. Ministério da Educação. Inep. **Senso da educação**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/setembro-2018-pdf/97041-apresentac-a-o-censo-superior-u-ltimo/file>. Acesso em 17 jul. 2019.

CARBONARI, Patrícia. **Robôs poderão substituir professores em breve**. Disponível em: <https://super.abril.com.br/tecnologia/robos-poderao-substituir-professores-em-breve>. Acesso em: 12 jul. 2019.

CASTAÑEDA, Linda; ADELL, Jordi. (eds.). (2013). **Entornos personales de aprendizaje**: claves para el ecosistema educativo en red. Alcoy: Marfil. Disponível em: <<http://www.um.es/ple/libro/>>. Acesso em: 16 jul. 2019.

CASTAÑEDA, Linda; ADELL, Jordi. **Beyond the tools**: analysing personal and group learning environments in a university course. *Cultura y Educación*, 26 (4), p. 739-774, 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/269761678_Beyond_the_tools_Analysing_personal_and_group_learning_environments_in_a_university_course>. Acesso em: 15 jul. 2019.

CUPANI, Alberto. **Filosofia da Tecnologia**: um convite. 3.^a ed. Florianópolis/SC: UFSC, 2016.

CUTRIM, Raylson dos Santos; LIMA, Francisco Renato. **Educação e Tecnologias**: inter-relações entre teoria e práticas pedagógicas no processo de ensino e aprendizagem no ensino fundamental. *Cadernos de Educação, Tecnologia e Sociedade*. Inhumas, v. 8, n. 2, p. 148-165, 2015. Disponível em: <<http://www.brajets.com/index.php/brajets/article/download/244/136>>. Acesso em: 18 jul. 2019.

DESCHAINE, Mark E., & SHARMA, Sue Ann. **The Five Cs of Digital Curation**: Supporting TwentyFirst-Century Teaching and Learning. *InSight: A Journal of Scholarly Teaching*, Parkville, Missouri, USA, v. 10, p. 19-24, 2015.

FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de. [org.]. **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba/PR: Editora UFPR, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2013.

GATTI, Bernardete. **A formação inicial de professores para a educação básica**: as licenciaturas. *Revista USP*, (100), 33-46, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i100p33-46>>. Acesso em: 14 jul 2019.

_____. **Formação de professores no Brasil**: características e problemas. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out.-dez, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v31n113/16.pdf>>. Acesso em: 14 jul 2019.

GONSALES, Priscila. Aberturas e rupturas na formação docente. In: SANTANA, Bianca; ROSSINI, Caroline, PRETTO, Nelson de Luca [Orgs.]. **Recursos Educacionais Abertos**: práticas colaborativas e políticas públicas. Salvador: Casa da Cultura Digital, 2012. p. 143-152.

HAN, Byung-chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2015.

_____. **Sociedade da transparência**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2016.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas: Papyrus, 2003.

KRAMER, Sonia. **Linguagem e tradução**: um diálogo com Walter Benjamin e Mikhail Bakhtin. In: FARACO et al [org.]. **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba/PR: Editora UFPR, 2007.

LEFFA, Vilson J. [Org.] **Produção de materiais de ensino**: teoria e prática. 2.ed. rev. Pelotas: Educat, 2007. 206 p.

_____. **Nem tudo que balança cai**: objetos de aprendizagem no ensino de línguas. *Polifonia*. Cuiabá, vol.12, n.2, p.15 -45, 2006.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 7 ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

_____. **As tecnologias da inteligência**. O futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. COSTA, Irineu da (trad.) São Paulo: Editora 34, 1999.

LOPES, Daniel de Queiroz; SOMMER, Luis Henrique; SCHMIDT, Saraí. **Professor-propositor**: a curadoria como estratégia para a docência on-line. *Revista Educação & Linguagem*, Porto Alegre, RS, v. 17, n. 2, p. 54-72, jul.-dez. 2014. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/5331/4384>>. Acesso em: 03 jul 2019.

MORAN, José Manuel Moran; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas/SP: Papyrus, 2013.

MOSÉ, Viviane [Org.]. **A escola e os desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

POE, Marshall T. **A history of communications. Media and society from the evolution of speech to the internet**. Cambridge, 2011.

PONZIO, Augusto. **A revolução bakhtiniana**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

PRETTO, Nelson de Luca. Professores autores em rede. In: SANTANA, Bianca; ROSSINI, Carolina; PRETTO, Nelson de Luca. [Org.]. **Recursos Educacionais Abertos: práticas colaborativas e políticas públicas**. Salvador: Edufba; São Paulo: Casa da Cultura Digital, 2012. 246 p.

RAMOS, Daniela Osvald. Anotações para a compreensão da atividade do “Curador de Informação Digital”. In: SAAD, Elizabeth Nicolau. **Curadoria digital e o campo da comunicação**. São Paulo: ECA/USP, 2012. p. 40-50. Disponível em: <<http://grupo-ecausp.com/novo-ebook-curadoria-digital-e-o-campo-dacomunicacao/>>. Acesso em: 03 jul 2019.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo [Orgs.]. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

RUDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura: perspectiva, questões e autores**. 2.^a ed. Porto Alegre/RS: Sulina, 2013.

SIBILIA, Paula. **Redes ou Paredes? A escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contratempo, 2012.

SILVA, Tarcízio. **Curadoria, Mídias Sociais e Redes Profissionais: Reflexões sobre a prática**. In: SAAD, Elizabeth Nicolau. **Curadoria digital e o campo da comunicação**. São Paulo: ECA/USP, 2012. p. 73-84. Disponível em: <<http://grupoecausp.com/novo-ebook-curadoria-digital-e-ocampo-da-comunicacao/>>. Acesso em: 13 jul 2019.

SOUZA, Solange Jobim e. **Leitura: entre o mágico e o profano. Os caminhos cruzado de Bakhtin, Benjamin e Calvino**. In: FARACO et. al [org.]. **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba/PR: Editora UFPR, 2007.

VETROMILLE-CASTRO, Rafael. **O professor como facilitador virtual: considerações teórico-práticas sobre a produção de materiais para a aprendizagem via web ou mediada por computador**. In: LEFFA, Vilson J. [Org.] **Produção de materiais de ensino: teoria e prática**. 2.ed. rev. Pelotas: Educat, 2007. 206 p.